

CLOVIS ULTRAMARI

COMO **NÃO**
FAZER UMA
TESE

CLOVIS ULTRAMARI

**COMO NÃO
FAZER UMA
TESE**


PUCPRESS

Curitiba, 2021

© 2016, Clóvis Ultramari

© 2016, Editora da Universidade Estadual da Paraíba (Eduebp), Livraria da Física e PUCPRESS

2018 – 1ª reimpressão (PUCPRESS)

2021 – Edição eletrônica (PUCPRESS)

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Waldemiro Gremski – Reitor

Paulo Otávio Mussi Augusto – Vice-Reitor

Paula Cristina Trevilatto – Pró-Reitora de Pesquisa e

Pós-Graduação

Editora Universitária Champagnat / PUCPress

Coordenação editorial: Michele Marcos de Oliveira

Editor: Marcelo Manduca

Editora de Arte: Solange Freitas de Melo Eschpio

Capa e projeto gráfico: Indianara de Barros

Diagramação: Gustavo Barreiros Slomecki

Conselho Editorial

Auristela Duarte de Lima Moser

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Eduardo Biacchi Gomes

Evelyn de Almeida Orlando

Jaime Ramos

Léo Peruzzo Júnior

Lorete Maria da S. Kotze

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

Zanei Ramos Barcellos

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155

Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

Ultramari, Clóvis

U47c Como não fazer uma tese / Clóvis Ultramari. – Curitiba : PUCPress, 2016.

2016 184 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografias

ISBN 978-85-68324-25-7 – PUCPress

ISBN 978-85-7879-295-4 – EduePB

ISBN 978-85-7861-397-6 – Livraria da Física

ISBN 978-65-87802-81-7 – E-book

1. Redação técnica. 2. Teses. 3. Pesquisa. I. Título.

CDD 20. ed. – 808.066

Nota

Este livro intenciona contribuir para a realização de dissertações e teses, sobretudo nas áreas onde a palavra conta mais que o laboratório, a imagem ou a matemática e afins. Ao longo do texto, adota-se a palavra tese, apenas, significando ambas as possibilidades. Seu conteúdo resulta de experiência em classe de mestrado e doutorado, assim como na orientação a pesquisas diversas. O texto aqui apresentado é intencionalmente curto, visando não se constituir em mais um fardo à extensa bibliografia que aos orientandos é indicada. Outra intenção deste trabalho é a de ser uma leitura externa — estrangeira — àquilo que se entende como de interesse precípua do orientando e diretamente relacionado ao seu campo de estudo: uma certa leitura que cada vez mais desaparece da formação dos novos acadêmicos, sempre no caminho de uma especialização cada vez mais tecnicista.

A maior fonte de material utilizada para sua realização foi buscada na realização de uma disciplina e que contou com o objetivo precípua de debater a elaboração de uma pesquisa e de desenvolver uma tese. A escolha dos temas discutidos (capítulos) segue passos empreendidos pelos orientandos: ingresso no

programa de pesquisa, seleção do orientador, escolha temática, leituras, elaboração dos textos, defesa. O perfil adotado do texto é informal, irônico e prioriza visões particulares do autor. O livro ressalta a importância da forma e do conteúdo de uma tese, porém não reproduz manuais que destacam, com validade, a importância do apego às normas científicas de publicação. É constante a defesa de que tão importante quanto a pesquisa propriamente dita é a capacidade de se expressar textualmente, sobretudo a respeito da escolha metodológica. O público com interesse neste livro é, prioritariamente, o dos candidatos a mestre ou a doutor e o dos professores orientadores. O pressuposto aqui adotado é que escrever uma tese é divertido, ou melhor, deve sê-lo. Vale-se, pois, da lembrança da resposta ao jovem e ensimesmado Tomasi di Lampedusa (2007), autor do conhecido **Il Gattopardo**, o qual respondeu aos intrigados familiares que lhe perguntavam o que ele estava fazendo ao escrever o dia todo: “Estou me divertindo”, teria dito o italiano.

Prefácio

Canteiros no rodapé

Destrua este diário, o livro descartável criado pela ilustradora canadense Keri Smith, não vai entrar para o cânone universal. A não ser que o Harold Bloom tenha uma febre da selva – o que Deus não permita. Convenhamos, a ideia de criar uma obra para ser rasgada e atirada da escada, depois de ganhar uma ducha, deve ser levada tão a sério quanto um desses títulos para colorir. Ambos estão à venda numa gôndola perto de você, ao lado do chiclê de bola, o que diz muito sobre eles.

Mas alto lá. Keri propõe uma experiência lúdica, seguida de um atentado contra a aura de um objeto. Bacana. No *teleprompter*, se houvesse, estaria escrito que quem trabalha no mercado editorial precisa comer. Justo. Seria pouco. Repare que a brincadeira da autora tem a ver com Duchamp, Warhol, com os iconoclastas medievais. Eis o ponto que nos leva de Keri a Ultramar, bem a gosto dessa hiperativa era dos excessos. Tem seu lado bom – a ele.

A iconoclastia é uma velha senhora de cinta liga. Entrou na moda, digamos, no século 8 da era cristã, sem nunca mais deixar de fazer cabeças. Alguém, afinal, tem de pôr bigodes na Mona Lisa, sob o risco de que, tolinhos, nos ajoelhemos diante dela. Em *Como não fazer uma tese*, o arquiteto e urbanista (e viajante) Clovis Ultramar se

revela um Duchamp picando a Gioconda, uma Keri Smith prestes a mandar teses pelos ares ou condená-las a uma ducha – para ver o que sobra depois disso. Se você teve vontade de fazer isso antes dele e não fez, meus sentimentos.

Penso que os leitores do ensaio que Ultramari aqui publica são adultos à beira de um ataque de nervos, pobres mortais sujeitos aos efeitos colaterais provocados pela palavra “tese”, nas suas diversas variações para o tema. Ainda que em segredo, planejaram alguma vez fazer picadinho de sumário. Ou estiveram perto de riscar o fósforo, pondo a perder citação por citação, regra por regra da ABNT, tudo celebrado com danças a Baal.

Sem exagero, pesquisas acadêmicas de fôlego – estejam em gestação ou empacadas no brejo das citações longas – mexem com o juízo do cidadão, pondo em ebulição toda sorte de transtornos adormecidos. Nessa hora, somos todos TDHs. Uma pesquisa de doutorado é daqueles eventos como o casamento, a formatura ou a aposentadoria – divide a história da gente em antes e depois, sempre com algum prejuízo. Separações? Vale uma estatística. Seu status de especiaria rara, a torna sagrada. Produz candidatos em série à chamada “escravidão pela tese” – expressão em vias de ser explorada pela psiquiatria.

Pois seus problemas acabaram. A esses escravizados, Ultramari fala ao ouvido, quase uma confidência, tendo a gentileza de não ocultar os próprios achaques, imperceptíveis debaixo de sua conhecida elegância. Não pede calma, não oferece o amparo da racionalidade, nem pílulas de sabedoria, tampouco receitas de chás. Ao contrário, sugere que o leitor deve sim se livrar da pilha de papel, ou de parte dela, deletar milhares de caracteres e até mesmo “matar” o bom aluno [interior] que o impede de fazer algo que preste. Seu ensaio é iconoclasta – uma atitude necessária para que o mundo ganhe mais e melhores teses, teses que nasçam de corpos felizes, febris, no auge de sua potência intelectual.

Em tempo. Não o tomem por um atizador de insanidades, uma péssima companhia, ao malvado da banca. O que nos oferece é bálsamo – a começar por suas inspirações, que conosco partilha. *Como não fazer uma tese* é parente dos ensaios de Montaigne, das diabruras de Voltaire. Na estante, merece ficar ao lado do essencial *Filosofia da ciência*, de Rubem Alves, e de *Como se faz uma Tese*, de Umberto Eco, livro do qual é parente próximo. Invoca-o no título, mas desdiz duas máximas que fizeram a fama desse pequeno trabalho do semiólogo italiano: 1) a de que a tese é como um porco – do qual todas as partes podem ser aproveitadas. Mentira da grossa. 2) E de que o orientando deve se proteger do orientador. Ultramari mostra que a recíproca é verdadeira e faz justiça à centena de milhares de professores que foram aos infernos, carregados por doutorandos sem piedade.

As virtudes desse trabalho não se encerram aqui. O autor nos coloca de braço dado com Eco, mas sobretudo se revela ele mesmo uma boa conversa, que é tudo o que se espera de um livro. Dá-se a conhecer, ele, um exorcista de *sabichonices*. Não se alinha aos orientadores tecnicistas, restritos à rebimboca da parafuseta, aos casados com um grupelho de autores que cabem numa Kombi, aos que fazem cara de “Medusa” de Caravaggio, sei lá, só porque o aluno quer ler Richard Sennett ou citar a Mafalda ao lado de Sua Santidade Bakhtin.

Honesto qual o quê, informa que seu livro nasce da experiência acumulada na vigília ao lado de dezenas de orientados. Chama sua lista de dicas de “cordel de avisos”. Bingo. Graças a essa publicação, agora sabemos que, qual um romântico sentado na praça com bloquinho e caneta, Ultramari anota suas impressões sobre esse ritual experimentado por pouquíssimos – a elaboração e a defesa de uma tese. Sabe-se que é tarefa de risco, que pode levar muitos à overdose de Fluoxetina ou a lugar para o CVV. Agora, tomara, não mais.

Me permitam um recuo da bateria. A leitura de *Como não fazer uma tese* me fez lembrar um depoimento do respeitável endocri-

nologista infantil Romolo Sandrini, da UFPR, anos atrás. Contou que ao fazer seleções para residência médica considerava, claro, as notas, mas sobretudo o que os recém-formados faziam nas horas vagas. Não que buscasse apenas os dotados de verniz cultural. Desejava pessoas capazes de entender que a cultura elaborada é um caminho para entender o cotidiano, o outro, as paixões. Gente capaz de sacar que *Madame Bovary* não se resume a um clássico obrigatório aos ilustrados, mas que se vissem em Emma – a mulher adúltera e insatisfeita somos nós.

Penso que Ultramar é o residente que Sandrini buscava. O interessado que se aventura pela centena de páginas que seguem há de encontrar raras menções a autoridades em normas científicas, sem desmerecê-las, e fartas evidências de que a voz que ali se ouve é a de um leitor apaixonado, redator de *commonplace books*, um sujeito que provoca epifanias com frases pinçadas de um grande autor que cita como um qualquer. Dá-nos intimidade – é tudo o que precisamos para escrever uma tese. Sugere um contrato entre os dois seres unidos por uma hipótese, à espera de um final, sei lá, *Casablanca*. Que tal “com quem Ilse Lund fica?”

A novidade? Os livros e autores que o orientador Ultramar amou encurtam distâncias. Servem-lhe de senha para tratar de tudo o que machuca os calos. Ajudam pacas. Se alguém acha que a literatura não ajuda a descascar uma tese, vai mudar de ideia na próxima página. As letras são uma mão na roda da ciência. Ultramar acompanha o leitor pelos labirintos da pesquisa, falando-lhe de Cervantes, de Edward Albee, de gente pouco familiar, mas que ficamos doidos para conhecer. Manuais e normas técnicas deveriam condecorar o autor, por cultivar canteiros em notas de rodapé.

José Carlos Fernandes*

* José Carlos Fernandes é jornalista na Gazeta do Povo desde 1989 e professor universitário a partir de 1998. Trabalha no curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFPR. Estuda leitura.

A minha dedicatória

Dedico este trabalho ao aluno que não tive.

As ironias, as lembranças ruins e os momentos *kafka-nianos* aqui relatados têm uma função ilustrativa, pedagógica mesmo; nada além disso. Não se trata, aviso, de um processo de expurgo de professor e orientador desafortunado, desapontado, que cambaleia entre uma leitura de texto de aluno de modo uma hora entristecido, e, outra, entediado. A ironia, o deboche e o desespero na relação aluno/professor constituem tão somente um meio para deixar minha ideia mais precisa.

Não me proponho a fazer um manual, mas sim um cordel de avisos que, para serem lidos, precisam chamar a atenção. A mensagem aqui apresentada é a de uma vivência, claro, e depois filtrada por meio de uma mirada no interior de um caleidoscópio, para então ser relatada em forma inversa. Ninguém que tenha vivido momentos acadêmicos comigo se encontrará no presente relato. Não procurem se localizar nestas páginas, desperdiçarão seu tempo. Mas, com certeza, vocês estão por aqui.

O manual para uma boa tese pode ser transvestido em anti-herói, à moda de um Raskólnikov¹ em seu inverno e verão de São Petersburgo, convivendo com a imagem do crime que

¹ Rodiõn Románovich Raskólnikov, protagonista de Crime e Castigo, de Feódor Dostoiévski (2001, primeira edição 1866).

realizou, de um Leopold Bloom,² em suas dezoito horas perambulantes em Dublin, ou um Macunaíma,³ em suas suspensões do tempo sobre um galho de árvore no país Brasil. Esse travestir, próximo em som e significado de transgredir, resulta de uma postura propositadamente debochada, até mesmo cínica, jamais consequência da postura de um aluno ou colega que me tenha desencorajado. O ambiente que uso para alimentar o presente trabalho me é rico em ideias e carinhoso em relações, uma dádiva profissional e pessoal que há muito tenho o privilégio de receber. No bizarro amálgama das personagens de Dostoiévski, James Joyce e Mário de Andrade, a imagem de algo inacabado, incômodo, mas que nos atrai intensamente, ainda que seja para confirmar que somos distintos ou para deles nos diferenciarmos.

Com todas essas introdutórias, Macunaíma, maroto, tal como dissera ao nascer, já nos teria chamado a atenção, dizendo: “Ai que preguiça!”.

Das lembranças que utilizei para escrever esse livro curto, ressaltam momentos de máxima satisfação; quem sabe, devido a um enxergar o mundo descaradamente poliano. Ao final de **Os moedeiros falsos**,⁴ André Gide (1977, primeira edição 1925) sugere que nos desfaçamos do seu livro e comecemos a viver. Outros autores com menor viço sugeriram algo parecido. Por serem, na quase totalidade, protocolares e formuladas por meio de frases que reproduzem aquilo ensinado em manuais de elaboração de documentos científicos, as dedicatórias perdem seus significados. Servem tão somente

² Personagem central de *Ulisses*, de James Joyce (2012, primeira edição 1922), o qual se desenvolve em aproximadamente 18 horas pelas ruas de Dublin, Irlanda.

³ *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, título e personagem principal do romance de Mario de Andrade (2013, primeira edição 1928): herói sem caráter, mentiroso, que se deslumbra por São Paulo.

⁴ *Le Journal des Faux-Monnayeurs*, no original.

para o deleite provinciano dos familiares e para um exercício de caça palavras da parte dos amigos e colegas de quem escreve uma tese: o orientador a lê buscando qual dos seus perfis foi enaltecido, acreditando poder se conhecer por meio da observação de outrem; os demais professores seguem a mesma busca, mas também a confirmação de que aquilo que por ventura tenham repassado ao orientando de forma menos compromissada, algumas vezes, em corredores, o tenha efetivamente influenciado; aos funcionários do programa de pós-graduação interessa saber se as suas simpatias e eficiências burocráticas foram identificadas. Todavia, o texto dedicatório quase sempre os decepciona, ofertando uma triste mesmice e atestando uma prepotente afirmação de missão cumprida: “..... A busca pelo conhecimento é incansável. Em alguns momentos parece mesmo ser interminável Agradeço aos meus mestres que abreviaram essa árdua tarefa ... A eles, meu eterno agradecimento! ...”. Sempre perco um tempo prazeroso em tentar adivinhar se o autor da dedicatória utilizou deliberadamente a distância do nome do homenageado do daquele considerado ser supremo ou a Sua posição à direita ou à esquerda como algo que revele hierarquia do agradecimento. “Agradeço antes de tudo a Deus, mestre maior, de quem tudo recebi e a quem tudo devo! Agradeço a todos os colegas de aula, companheiros das horas difíceis e de quem pude desfrutar de um convívio fraternal! A todos o meu muito obrigado eterno!!!”

Minha proposta aqui é que, caso tenham paixão, mas paradoxalmente também a fórmula para o difícil exercício da ponderação analítica, quando da pesquisa que irão fazer, é que se livrem desde já, ainda no começo, deste livro. Talvez vocês não necessitem dele.

O importante, nesta dedicatória é, então, reiterar meu prazer pelos alunos que tive; mas é para alguns daqueles que não tive que dedico e indico este livro.

Sumário

1. Com medo do orientando	19
2. Dedicatória	31
3. A escolha do orientador	37
4. Clareza, simplicidade e concisão	43
5. Dos textos turvos e do Corvo	63
6. Quem é o leitor?	75
7. Autoajuda	83
8. Originalidades e hipóteses	97
9. O tempo atropelado	105
10. Dois tipos de tese	113
11. O bom e o ruim orientando	119
12. Da ordem das coisas	125
13. Uma digressão com <i>Shiva</i>	133
14. Muita leitura enlouquece	139
15. A responsabilidade do orientador	147
16. Nenhuma grandeza oposta será admitida	153
17. Na banca	163
18. Considerações finais	173
Referências	179

Este livro, inicialmente, fora escrito ao candidato em início de sua pesquisa de doutoramento. Após leitura de pareceristas das editoras, concluiu-se que seria também do interesse do orientador. Seus capítulos escrutinam as principais fases da elaboração de uma tese. Inicia com a escolha do tema de pesquisa e do orientador e avança até a sessão da defesa.

Clovis Ultramari escreve seu livro com quatro grandes características que lhe garantem uma singularidade prazerosa: 1. Serve-se, o tempo todo, de referências a outros autores, garantindo uma grande riqueza de campos de conhecimento diversos. 2. Resgata de sua memória um brilhante acervo literário para reforçar sua crença na importância da boa escrita. 3. Afasta-se, explicitamente, do modelo de manuais ou de diretrizes que se propõem a guiar o candidato passo a passo. 4. Insiste, veementemente, que devemos buscar prazer no trabalho de pesquisador, no do candidato a doutor e na relação entre eles.

O estilo que Clovis Ultramari utiliza é irônico, divertido, algumas vezes, como ele mesmo diz, “cínico”. Com isso, garante que a leitura desse livro não seja mais um “fardo” de compromisso de leitura a fazer, mas sim um passatempo muito útil.


PUCPRESS

ISBN 978-85-68324-25-7



9 788568 324257